

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2010

VOLUME I

CADERNO TEMÁTICO

AVALIAÇÃO CONTÍNUA

A AVALIAÇÃO CONTÍNUA E A PRÁTICA
PEDAGÓGICA

MARCIA LUCIA FORASTIERE MENDES
PROFESSOR ORIENTADOR MS. EUCLIDES DELBONE

2011

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE

Agradecimentos

Agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado;

Ao Candido, meu esposo, amigo e companheiro de todos os momentos;

Aos meus filhos: Isabela, Guilherme e Julia que são as pessoas mais importantes da minha vida;

Ao professor orientador Euclides Delboni pela atenção e apoio na realização deste material.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	6
UNIDADE I	8
PROCESSO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO	9
AS DIFERENTES TENDÊNCIAS DA ESCOLA FACE ÀS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO	13
QUADRO RESUMO DE COMO A ESCOLA VEM SE COMPORTANDO SOBRE A AVALIAÇÃO - ESCOLA ATUAL	14
AVALIA OU VALORIZA	15
ESTIMULA A FORMAÇÃO	16
UNIDADE II	19
1.1 CONCEITOS DE AVALIAÇÃO	20
1.2 MODALIDADES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EDUCACIONAL ...	23
AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	23
AVALIAÇÃO SOMATIVA	24
AVALIAÇÃO FORMATIVA	24
UNIDADE III	26
1.AVALIAÇÃO CONTÍNUA	27
1.1 A AVALIAÇÃO CONTÍNUA NA LDB	28
UNIDADE IV	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA	34

APRESENTAÇÃO

Estudar é uma tarefa árdua, mas avaliar é uma tarefa complexa. Pensar em avaliação é na verdade um exercício de profunda reflexão, que permeia inevitavelmente, nossas crenças, não só enquanto professores, mas também enquanto alunos.

A elaboração de um caderno temático objetiva subsidiar a prática educacional, e oferecer informações sistematizadas para dar sustentação teórica ao professor e todos aqueles que acreditam e se comprometem com a construção de uma educação de qualidade.

Este material – Caderno Temático - foi elaborado em função do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – exigência da Secretaria de Estado da Educação e tem como objetivo visar à melhoria do processo educacional necessário através do estudo sobre Avaliação e a reflexão/discussão sobre tema “Avaliação Contínua na Prática Pedagógica”.

A reflexão sobre essas práticas avaliativas deve levar à conclusão que não se pode conceber a avaliação escolar se não for à perspectiva de ensinar, de garantir acesso ao conhecimento, de promover, de incluir o aluno. A avaliação deve ser vista e analisada dentro do contexto do trabalho de ensino e aprendizagem, da organização curricular. Ela é ação constituinte desse trabalho e dessa organização. Portanto deve ser um processo avaliativo contínuo e formativo.

O ponto de partida para a escolha do tema é a própria realidade escolar, isto é, a prática cotidiana de professores e alunos, com relação à avaliação. Considerando assim, as dúvidas e angústias dos professores, dos alunos e pais e as muitas manifestações de descontentamento em conselhos de classe, reuniões e assembléias, enfim às apreensões resultantes da avaliação, que deveria ser contínua e favorecer o processo ensino-aprendizagem.

Para implementação do projeto proposto, uma das formas encontradas é a elaboração deste material, com a sistematização do tema através de textos para

aprofundamento teórico, reflexões e questionamentos que serão desenvolvidos através de grupos de estudos com os professores do Colégio Estadual “29 de Novembro”.

Este caderno está dividido em quatro unidades.

Na Unidade I, será abordado o processo histórico da avaliação, as práticas e tendências pedagógicas através do aprofundamento teórico.

Na Unidade II, será apresentado além dos conceitos de avaliação as três modalidades de avaliação educacional (avaliação diagnóstica, a avaliação somativa e a avaliação formativa) de maneira que fiquem claras as suas utilidades e funções possibilitando ao leitor o entendimento de cada uma delas.

Na unidade III, será enfocada a avaliação contínua especificamente, considerando que é um método de avaliação onde o aluno é avaliado por inteiro, ou seja, a avaliação não deve acontecer somente ao final de um bimestre através das famosas provas bimestrais. Pode-se dizer que é um processo de desenvolvimento incessante de observação e interação pedagógico-social que ocorre entre o professor e o aluno. Relacionaremos a avaliação na perspectiva da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96).

Na unidade IV, serão apresentadas as considerações finais acerca da pesquisa bibliográfica realizada, considerando algumas reflexões sobre avaliação contínua e a prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

Avaliação contínua, como o próprio termo diz, é algo que ocorre continuamente, e não um fato estanque. Pode-se dizer que é um processo de desenvolvimento incessante de observação e interação pedagógico-social que ocorre entre o professor e o aluno. Assim o professor observa o aluno nos aspectos: social, cultural, interacional, moral, etc. desde o primeiro dia na sala de aula, para constatar em que grau de desenvolvimento encontra-se o aluno, e com isto planejar ações futuras, objetivando atingir ou melhorar aspectos frágeis no processo ensino-aprendizagem.

Falar ou discutir sobre a avaliação contínua na prática pedagógica parece muito óbvio para alguns profissionais, porém é um tema ainda muito polêmico entre os profissionais de educação. Isto porque apesar da avaliação contínua estar clara em alguns documentos da educação, como o Projeto Político Pedagógico, a Proposta Pedagógica Curricular e a LDB o que se constata na prática pedagógica dos professores da rede pública de ensino é uma concepção tradicional do processo de avaliação do aproveitamento escolar, onde a ênfase é dada a provas, testes e formas diversas de exames de averiguação do rendimento quantitativo dos alunos e não propriamente à avaliação da aprendizagem, numa concepção dialética, onde a avaliação se configura como uma análise qualitativa dos encaminhamentos pedagógicos do professor e conseqüentemente, do desenvolvimento do aluno. A avaliação escolar ainda é vista como sinônimo de nota, de um instrumento para decidir quem passa de ano e quem repete. Este tipo de avaliação não muda em nada da avaliação de alguns anos atrás onde a avaliação escolar costumava ser pensada em termos de seleção e classificação, de contar o número de respostas certas e dar uma nota ao aluno.

Hoje a avaliação é pensada em termos de seu potencial para melhorar o aprendizado. Este é o objetivo de se avaliar. Ela faz parte do processo ensino-aprendizado, e não apenas uma coisa que se faz ao final. Deve ser permanente, acontecer em todas as áreas e momentos, tanto de maneira formal quanto

informal, partindo-se do princípio de que todo conhecimento teórico adquirido pelo aluno deve retornar à prática social, com um entendimento mais crítico, elaborado e consistente, é que se propõe a abordagem da avaliação numa perspectiva diferente da que vem sendo posta em prática nas escolas públicas e ao mesmo tempo, possibilitar ao professor, refletir sobre sua prática pedagógica.

Sabe-se que a aprendizagem é de natureza processual e que os alunos precisam de tempo; não acontece de um dia para o outro; os conhecimentos novos se tornam definitivos, surgem novos desafios e o processo continua, possibilitando novas aquisições, novos conceitos, novos conhecimentos, novas práticas. Por isso deve-se repensar nos instrumentos de coleta de dados sobre o desempenho de aprendizagens dos estudantes nas escolas. Precisa-se produzir bons e adequados instrumentos para coletar dados na avaliação da aprendizagem do educando, sem subterfúgios, sem enganos, sem complicações desnecessárias, sem armadilhas. Significa preparar uma avaliação intencional e bem planejada. Esse processo de avaliação requer instrumentos e estratégias que ofereçam desafios, situações – problema; sejam contextualizadas, coerentes com as expectativas de ensino e aprendizagem; identifiquem os conhecimentos do aluno e as estratégias por ele empregadas; possibilitem que o aluno reflita, elabore hipóteses, expresse seu pensamento; permitam que o aluno aprenda com o seu erro; sejam claros em suas pretensões; revelem o que e como se pretende avaliar.

Este caderno tem como finalidade propor uma reflexão acerca do termo avaliação contínua levando o leitor a compreender que o processo avaliativo não pode se limitar a verificação de aprendizagem de conteúdos ou atividades, pautando-se somente nos instrumentos de provas e notas, embora façam parte desse processo. Essa deve ser compreendida como ação reflexiva do processo de aprendizagem, pois é um instrumento essencial no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo.

UNIDADE I

PROCESSO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO

Para abordarmos esse tema na contemporaneidade, é necessário fazermos uma viagem no processo histórico educacional, descobrindo o ponto inicial e/ou surgimento da avaliação.

No século XIX o estudo era concebido como forma de ascensão social e estava voltado para o controle dos processos de certificação. Nesta concepção o ensino tinha caráter verbalista, extremamente autoritário, inibidor da ação ativa por parte do aluno, não permitia o desenvolvimento da iniciativa ou espontaneidade na realização de qualquer criação dele. O ensino era centrado no professor que apresentava os conteúdos totalmente desvinculados da realidade, não havendo nenhuma articulação com o contexto social ou com o momento histórico que estava sendo vivenciado.

A avaliação, nesta concepção, tem a função de exame, pois valoriza os aspectos cognitivos com ênfase na memorização; a verificação dos resultados se dá através de provas orais ou escritas nas quais o aluno deve reproduzir exatamente aquilo que lhe foi ensinado.

O primeiro vestígio sobre o exame se deu na sociedade chinesa nos anos de 1.200 a.C, onde não aparece como instrumento educativo, mas sim como forma de controle e manutenção social. Neste período, o exame tinha um papel mediador entre os sujeitos do sexo masculino e o serviço público. Aqui, possuía a incumbência de “selecionar, entre sujeitos do sexo masculino, aqueles que seriam admitidos no serviço público” (ESTEBAN, 2002, p.30).

No século XVII surgem duas correntes para a institucionalização do exame: uma vem de Comenius que defende o exame como um espaço de aprendizagem e não de verificação da aprendizagem; se o aluno não aprendeu é necessário refletir sobre o método utilizado em função de promover a aprendizagem do mesmo. O exame para Comenius funciona como um aliado precioso em relação à prática docente. Em contraponto, La Salle defende o exame como supervisão permanente – aspecto de vigilância contínua – centra-se

no aluno e no exame aspectos que deveriam ser direcionados para a prática pedagógica, ou melhor, professor/aluno.

A pedagogia do exame é articulada em prol da certificação e promoção dos sujeitos, colocando o exame como elemento inerente a toda ação educativa.

O auge da utilização dos exames deu-se quando a burguesia ascendeu e se consolidou no poder, pois, como não tinha fortuna por herança familiar, nem tampouco privilégio por descendência aristocrática, teve que recorrer aos postos de trabalho e à formação acadêmica para ascender socialmente.

Os princípios da pedagogia do exame são: “qualidade da educação, eficiência e eficácia do sistema educativo, maior vinculação entre sistema escolar (entenda-se currículo) e necessidades sociais (entenda-se modernização e/ou reconversão industrial)” (ESTEBAN, 2002, p.53).

Segundo análise histórica de Luckesi (2002), a ação de acompanhamento da avaliação da aprendizagem do aluno denomina-se “avaliação da aprendizagem escolar”, mas na prática o que se constata, nas escolas brasileiras desde a educação básica, é a realização de exames. Para este teórico tem sentido servir-se de exames como instrumentos classificatórios em situações específicas como concursos ou quando é exigida a certificação de conhecimentos pontuais, mas na sala de aula a avaliação é um recurso para diagnosticar, acompanhar e reorientar a aprendizagem, e não se devem utilizar exames para proceder à classificação de alunos.

No século XX a pedagogia deixa de se referir ao termo “exame” e o substitui pelo termo “teste”. Neste momento, surge a pedagogia tecnicista nos Estados Unidos, com estudos do teórico Thorndike sobre os testes educacionais, com influência na Psicologia que se difundiu na educação como tecnicismo educacional. Esse movimento educacional era inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e na abordagem sistêmica do ensino, buscando relacionar a educação com as exigências industriais e tecnológicas da sociedade. A avaliação neste período se limita ao campo técnico, ou melhor, a construção de livros técnicos sobre a avaliação.

Nessa pedagogia se comprova o rendimento com base nos objetivos comportamentais, os quais se reduzem a uma medida e, portanto, separa o processo de ensino de seu resultado. Para Chueiri (2008) “a idéia de avaliar, não só para medir mudanças comportamentais, mas também a aprendizagem, portanto para quantificar resultados, encontra-se apoiada na racionalidade instrumental preconizada pelo Positivismo” (2008, p.56).

Segundo Esteban, (2002, p.64), “o teste foi considerado como um instrumento científico, válido e objetivo que poderia determinar uma infinidade de fatores psicológicos de um indivíduo”. Entre ele se encontram a inteligência, as atitudes, interesses e a aprendizagem.

A idéia de avaliação, como medida do desenvolvimento do aluno, segundo Chueiri, fundamentada em Hadji (2001), está muito presente no imaginário de professores, pais e dos próprios alunos, “e a dificuldade para a superação dessa concepção reside na suposta ‘confiabilidade’ das medidas em educação e nos parâmetros ‘objetivos’ utilizados pelos professores para atribuir notas aos alunos” (2008, p.56). A credibilidade que se dá às medidas inseridas no processo e nos padrões estabelecidos pelos educadores, com vistas à atribuição de valores às atividades dos alunos, desemboca em uma tese equivocada: de que todos os efeitos, ganhos ou prejuízos do aluno durante o processo, são produto de uma operação e são expressos de forma neutralizada e, por isso isentam o professor da responsabilidade no momento da avaliação. Medir significa determinar qual é o valor de um objeto a partir de um instrumento determinado para este fim. Uma medida é objetiva no sentido de que, uma vez definida a unidade, deve-se ter sempre a mesma medida para o mesmo fenômeno. Certamente, um erro é sempre possível, devido às imperfeições da instrumentação, pois ele resulta então das condições de operacionalização dos instrumentos. Ele provém da operação de medida e, portanto neutralizado (HADJI, apud CHUEIRI, 2008, p. 56). A avaliação reduzida a uma medida, ou seja, à veracidade da prova, supõe aceitar a prova como um instrumento, não levando em conta que a subjetividade de quem avalia pode, embora não devesse influenciar no resultado; assim:

(...) a avaliação não é uma medida pelo simples fato de que o avaliador não é um instrumento, e porque o que é avaliado não é um objeto no sentido imediato do termo. Todos os professores avaliadores deveriam, portanto, ter compreendido definitivamente que a “nota verdadeira” quase não tem sentido (HADJI, 2001, apud CHUEIRI, 2008, p.56)

Este conceito de avaliação tem caráter excludente, pois os resultados dos testes tinham função de explicar a eliminação dos “retardados mentais”, bem como o ingresso segundo as condições cognitivas de cada sujeito.

Em meados da segunda metade do século XX, o termo “teste” é substituído pelo termo “avaliação”, empregado primordialmente pela administração científica por ser uma palavra que expressava neutralidade, imagem acadêmica e insight de controle.

O termo avaliação da aprendizagem é recente e é atribuído a Ralph Tyler, educador norte-americano, que se dedicou à questão de um ensino que fosse eficiente, ele próprio reivindicou para si essa autoria e a cunhou em 1930. Apesar da mudança de denominação, a prática continuou a mesma, de provas e exames.

Apresentamos a seguir as concepções de avaliação, de acordo com as principais posturas pedagógicas, que nortearam o trabalho educativo no nosso país, quais sejam: Escola Tradicional, Escola Nova e Escola Tecnista.

Nesses quadros, evidenciam-se os modelos de avaliação construídos a partir de um modelo de sociedade, de uma concepção de mundo, de homem e, sobretudo, de educação.

Assim, ao analisar sob a perspectiva do real significado do papel da escola no decorrer dos tempos, perceber-se-á a maneira como se pensou e repensou a avaliação do aproveitamento escolar até os dias atuais, tendo-se em vista as mais variadas concepções construídas no decorrer dos tempos.

AS DIFERENTES TENDÊNCIAS DA ESCOLA FACE ÀS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

QUADRO RESUMO DE COMO A ESCOLA VEM SE COMPORTANDO SOBRE A AVALIAÇÃO

ESCOLA TRADICIONAL

1. Valoriza o enciclopedismo, a cultura universal, a acumulação de conhecimento, as idéias que os homens já escreveram.
2. Valoriza as histórias das idéias, a seqüência, a cronologia das mesmas.
3. Privilegia o somatório, a acumulação, a memorização daquilo que os personagens das antigas sociedades já pensaram ou escreveram.
4. Espera dos alunos apenas a Memorização, a perseverança.
5. Considera o homem “bom”, como o bom intelectual.
6. Considera a sociedade ideal Como o somatório de sábios ou Intelectuais.

ESCOLA NOVA

1. Desvalorizam o enciclopedismo, a cultura geral, as idéias que já foram expostas em épocas passadas.
2. Desvaloriza a história das idéias. O importante é a idéia descoberta, individualmente gerada na cabeça de cada um.
3. Privilegia a descoberta individual sobre as coisas da natureza (ou da sociedade próxima vinculada ao cotidiano do aluno). Não valoriza nem o passado das sociedades, nem as descobertas dos outros homens de uma mesma sociedade.
4. Espera dos alunos a atividade constante (qualquer atividade pode produzir uma descoberta particular).
5. Considera o homem “bom” como aquele que sabe resolver problemas particulares, de sua vida social e profissional.
6. Considera a sociedade ideal como o somatório de homens que conseguem resolver os problemas do dia-a-dia, através de processos mentais corretos.

ESCOLA TECNICISTA

1. Desvaloriza o enciclopedismo, o saber acumulado.
2. Desvaloriza a história. O tempo é entendido como um intervalo entre o início da aplicação de uma técnica e o fim dessa aplicação.
3. Privilegia o conhecimento da técnica, do planejamento, da didática, da listagem de meios e de recursos, da elaboração de objetivos.
4. Espera dos alunos comportamentos definidos pelos professores de acordo com os objetivos operacionais.
5. Considera o homem “bom” como o bom planejador, administrador, supervisor, organizador.
6. Considera a sociedade ideal como o somatório de indivíduos que sabem gerenciar, controlar, administrar e planejar.

QUADRO RESUMO DE COMO A ESCOLA VEM SE COMPORTANDO SOBRE A AVALIAÇÃO - ESCOLA ATUAL COM DESVIOS (QUE NÃO QUEREMOS)

1. Desvaloriza o enciclopedismo, o saber acumulado, o saber de outros grupos a não ser o daquele ao qual pertence.
2. Desvaloriza a história das idéias, dos homens em geral, dos métodos e técnicas, mas valoriza a história individual e de pequenos grupos (família, escola, vila, bairro, cidade) tentando recuperar essa história através de informação ou levantamentos orais, pela tradição verbal.
3. Privilegia o conhecimento de seu grupo, de sua escola, de seu bairro, de sua “cultura” definindo esse conhecimento como “conhecimento da realidade social” que deve ser gerado constantemente pelo grupo interessado.
4. Espera dos alunos o aumento da “consciência crítica” sobre as experiências de vida que circundem o aluno.
5. Considera o “homem bom” como aquele que é capaz de perceber os problemas da comunidade em que vive tentando resolvê-los através de associações que se congregam por objetivos comuns.
6. Considera a sociedade ideal como o somatório de indivíduos críticos que politicamente participam dos problemas da comunidade.

SEM DESVIOS (O QUE DESEJAMOS)

1. Valoriza o saber historicamente reproduzido e acumulado pelos homens, saber que gerou o desenvolvimento das sociedades no transcorrer dos séculos.
2. Valoriza a história de todos os homens na produção de sua vida. Valoriza o homem mundializado, na totalidade de relações internacionais e nacionais. Tenta recuperar a história através de uma nova leitura e interpretação de dados e fonte já existentes.
3. Privilegia o conhecimento da totalidade de relações nas quais o homem se envolve independentemente de localização geográfica.
4. Espera do aluno o aumento da consciência crítica após ter oferecido a esse aluno parâmetros teóricos para análise da realidade que circunda o homem.
5. Considera o homem como aquele que é capaz de perceber que a construção da nova sociedade passa pelo conjunto de ações de todos os homens que lutam por objetivos comuns (e não divergentes).

AVALIA OU VALORIZA

ESCOLA TRADICIONAL

1. A memorização das idéias dos pensadores mais famosos.
2. A memorização de termos, datas, nomes, pessoas, símbolos, lugares, seqüências, regras, normas, classificação, esquemas, resumos e vocabulário.
3. A fidelidade do aluno face ao escrito, ou leitura, que teve de memorizar.
4. A memorização do conhecimento na sua totalidade mensurada de forma discursiva.
5. A totalidade dos conteúdos existentes na sociedade.

ESCOLA NOVA

1. As relações que o aluno possa fazer frente aos fenômenos ou aos fatos vividos através de uma experiência planejada.
2. A criatividade e a correção da forma de pensar.
3. A capacidade de tirar conclusões de uma experiência.
4. As descrições da experiência realizada e vivida dentro dos cânones do método científico (experimental).
5. O processo de pensar.

ESCOLA TECNICISTA

1. O domínio da terminologia e da escrita de acordo com as técnicas de planejamento, gerência e supervisão.
2. A forma e a apresentação dos trabalhos produzidos.
3. Comportamentos de entrada e saída dos alunos após qualquer trabalho escolar.
4. A memorização dos conteúdos técnicos, estanques, separados, divididos (não mais enciclopédicos)
5. O domínio de planejar, administrar e executar atividades profissionais (consideradas problemáticas) por etapas (bem separadas ou distintas).

ESTIMULA A FORMAÇÃO

Do intelectual que discursa ou escreve sobre todos os assuntos.

Do homem que resolve, com disciplina, com método de trabalho sistemático, os seus problemas.

Do técnico.

QUADRO RESUMO DE COMO A ESCOLA VEM SE COMPORTANDO SOBRE A AVALIAÇÃO - ESCOLA ATUAL

1. A experiência de vida dos indivíduos em comunidade.
2. A livre expressão, sem rigidez, sem formas estabelecidas, sem normas, sem vocabulário (erudito ou universal). A forma livre de expressão sobre as vivências sociais.
3. A capacidade para tirar conclusões sobre seu universo comunitário. A capacidade para ser crítico sobre esse universo particular.
4. O engajamento em atividades de estudo, em atividades práticas e/ou sociais. Não pode abandonar, por isso mesmo, as avaliações de conhecimento que promoveram ou promovem os homens.
5. O processo de participação em atividades políticas de interesse das comunidades regionais locais, institucionais (não vê o homem como tendo problemas universais, mundiais).

1. O domínio do conteúdo, das teorias que explicam o homem, seu trabalho, a sua riqueza, as diferentes sociedades.
2. As expressões do homem em suas formas mais acabadas e perfeitas, tanto as já criadas como as por criar. Interesse das comunidades regionais locais, institucionais (não vê o homem como tendo problemas universais, mundiais).
3. A capacidade de analisar teorias e práticas que promovem ou degradam os homens.
4. A participação em atividade de caráter social (problemáticos para a comunidade). (não abandona avaliações de conhecimentos estanques separados).
5. O processo de participação nos problemas sociais (de todos) com o objetivo constante de avaliar, com o saber necessário, os grupos que geralmente se utilizam de senso comum no encaminhamento de resposta aos seus problemas.

ESTIMULA A FORMAÇÃO

1. Do cidadão político, localizado em uma comunidade que tem problemas específicos, que devem ser resolvidos no interior de cada comunidade, com os recursos da própria comunidade.

1. Do homem que busca entender e agir coerentemente com uma nova sociedade que emerge da história.

Fonte: SEED. **Avaliação, Sociedade e escola: fundamentos para reflexão**, 1986.

UNIDADE II

AVALIAÇÃO

1.1 CONCEITOS DE AVALIAÇÃO

"A avaliação é a reflexão transformada em ação, não podendo ser estática nem ter caráter sensitivo e classificatório".

Jussara Hoffmann

A avaliação está longe de se limitar a uma questão meramente técnica. Ela envolve sentimentos, auto-estima, filosofia de vida, posicionamento político. Avaliação é, fundamentalmente, acompanhamento do desenvolvimento do aluno no processo de construção do conhecimento. O professor precisa caminhar junto com o educando, passo a passo, durante todo o caminho da aprendizagem.

Para a realização da avaliação, na perspectiva de construção, duas premissas fundamentais: confiança na possibilidade do aluno construir as suas próprias verdades; valorização de suas manifestações e interesses. Para Hoffmann (1994), o aparecimento de erros e dúvidas dos alunos, numa extensão educativa é um componente altamente significativo ao desenvolvimento da ação educacional, pois permitirá ao docente a observação e investigação de como o aluno se coloca diante da realidade ao construir suas verdades. Ela distingue o diálogo entre professor e aluno como indicador de aprendizagem, necessário, à reformulação de alternativas de solução para que a construção do saber aconteça. A reflexão do professor sobre seus próprios posicionamentos metodológicos, na elaboração de questões e na análise de respostas dos alunos deve ter sempre um caráter dinâmico. Na avaliação mediadora o professor deve interpretar a prova não para saber o que o aluno não sabe, mas para pensar nas estratégias pedagógicas que ele deverá utilizar para interagir com esse discente. Para que isso aconteça, o desenvolvimento dessa prática avaliativa deverá decodificar a trajetória de vida do aluno durante a qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, e isso é muito mais que conhecer o educando.

Em um processo de aprendizagem toda resposta do aluno é ponto de partida para novas interrogações ou desafios do professor. Devem-se ofertar aos

alunos muitas oportunidades de emitir idéias sobre um assunto, para ressaltar as hipóteses em construção, ou as que já foram elaboradas. Sem tais atitudes, não se idealiza, de fato, um processo de avaliação contínua e mediadora. Avaliar significa ação provocativa do professor desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-o a um saber enriquecido, acompanhando o “vir a ser”, favorecendo ações educativas para novas descobertas. A avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo vinculando-a a idéia de qualidade. Não há como evitar a necessidade de avaliação de conhecimentos, muito embora se possa torná-la eficaz naquilo que se propõe: a melhora de todo o processo educativo. Avaliar qualitativamente significa um julgamento mais global e intenso, no qual o aluno é observado como um ser integral, colocado em determinada situação relacionada às expectativas do professor e também deles mesmos. Nesse momento, o professor deixa de ser um simples colecionador de elementos quantificáveis e utiliza sua experiência e competência analisando os fatos dentro de um contexto de valores, que legitimam sua atitude como educador.

Avaliar é coletar um conjunto de informações, pertinentes e confiáveis, examinando o grau de adequação dos critérios, informações e objetivos, adotando uma decisão através de um juízo valorativo.

“Avaliar é sempre julgar a realidade, para o quê é imprescindível comparar uma situação, fato ou elemento da realidade com um padrão, prévia ou concomitantemente expresso ou subentendido” (Gandin, 1995). É um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos tendo em vista mudanças esperadas no comportamento propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do projeto de trabalho do professor e da escola como um todo.

As dimensões da ação avaliativa se caracterizam em: diagnóstica, processual, cumulativa e participativa. Nos princípios básicos da avaliação, podemos estabelecer o quê avaliar, o que significa avaliar, para que e por que avaliamos como enfrentar as práticas de avaliação, assim como, utilizar dentre as várias técnicas de avaliações disponíveis, aquela que poderá fornecer os dados

desejados, usando procedimentos quantitativos e qualitativos. Devemos, no entanto, atentar para a evidência de que há margem de erro em todas as técnicas de avaliação. A avaliação propicia informações para melhorar as decisões do processo de ensino e de aprendizagem, e também melhorar o resultado do próprio planejamento e desenvolvimento curricular.

Várias são as técnicas e instrumentos possíveis para a ação avaliativa como: as avaliações; os relatórios; os questionários; os testes; as pesquisas; as entrevistas; a auto-avaliação; as fichas de acompanhamento e a resolução de problemas.

Para que avaliar? Para ressignificar a visão de Homem, tendo na educação um processo formativo e um ato educativo. O trabalho docente visa buscar no aluno a construção e reconstrução do conhecimento, das habilidades, atitudes e valores. Por que avaliar? Para melhorar as decisões sobre a aprendizagem, informar a progressão dos estudos, melhorarem a qualidade de ensino. Avaliar é uma ação essencial, que propõe provocar mudanças. A avaliação não é um ato isolado, uma vez que está ligada aos objetivos de ensino e aprendizagem e à formação de sujeitos que problematizam, vivem e recriam a realidade.

A avaliação é uma relação entre o sujeito e o objeto (manifestação do indivíduo, ação, situação, projeto, etc.), através de uma mediação analítica (utilizando ou não algum instrumento material), visando um juízo de valor e uma tomada de posição.

Ao avaliar os seus alunos, o professor está, também, avaliando seu próprio trabalho. Portanto, a avaliação está sempre presente na sala de aula, fazendo parte da rotina escolar. Daí ser responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas de avaliação.

A prática de avaliação na pedagogia preocupada com a transformação deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do aluno, pois o novo modelo social exige a

participação democrática de todos. Isto significa igualdade, fato que não se dará se não conquistar a autonomia e a reciprocidade de relações (Luckesi, 1984).

Finalizando, a avaliação é a espinha dorsal do processo de ensino aprendizagem, e tem por objetivo diagnosticar a situação de aprendizagem do aluno, tendo em vista auxiliar a tomada de decisões para a melhoria da qualidade.

A avaliação é inclusiva na medida em que ampara a busca de meios necessários para o desenvolvimento da aprendizagem, aceitando o educando como é para verificar o que pode ser feito para o seu crescimento; é diagnóstica e processual, ao admitir que, o educando poderá ao longo de sua trajetória escolar alcançar o conhecimento esperado; e é dinâmica, quando não classifica o educando em um determinado grau de aprendizagem, diagnosticando a situação apresentada buscando a solução a partir de novas estratégias educacionais.

1.2 MODALIDADES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EDUCACIONAL

É necessário classificar a avaliação educacional em três modalidades, de maneira que fiquem claras as suas utilidades e funções, e possibilitem o entendimento de cada uma delas. As modalidades são: a avaliação diagnóstica, a avaliação somativa e a avaliação formativa.

Avaliação Diagnóstica: A avaliação diagnóstica, para Sant'anna (1995, p. 33): "[...] É uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para selecionar dificuldades encontradas."

É uma avaliação inicial, em que são analisados os conhecimentos prévios de determinados conteúdos, de maneira que o aluno só poderá passar para os seguintes níveis de aprendizagem se já detém o conhecimento do nível em que se encontra; tem por finalidade detectar o ponto do qual parte o conhecimento do estudante e estabelecer as necessidades prévias desta aprendizagem. Este dado momento pode ocorrer em qualquer período, desde que se esteja no início de

uma nova unidade do programa. A avaliação diagnóstica permite que se faça um prognóstico, isto é, permite-nos prever os resultados a atingir.

Avaliação Somativa: No caso da avaliação somativa, Sacristán e Gómez (1998, p. 328): “Pode-se diagnosticar com o fim de determinar o estado final de um aluno/a depois de um tempo de aprendizagem, do desenvolvimento da matéria ou de uma unidade didática”, ou seja, a finalidade principal desta modalidade de avaliação é de determinar níveis de rendimento ao final de um processo de ensino, referindo-se a um julgamento do produto final da aprendizagem – o fracasso ou êxito obtido pelo aluno.

Portanto, a avaliação somativa serve de seleção e agente classificador de alunos, de acordo com os resultados alcançados, o que geralmente é expresso quantitativamente, uma vez que não leva em consideração o “como o aluno aprendeu”, mas prende-se em “quanto o aluno aprendeu”.

Avaliação Formativa: A avaliação formativa é aquela que tem o propósito de melhorar algo enquanto o processo ainda não foi concluído, ou seja, quanto se fala de processo educacional, a avaliação formativa alcança seus objetivos quando identifica aspectos de um determinado processo de ensino que pode ser melhorado, enquanto este ainda não foi concluído.

Esta característica remete a uma avaliação continuada da aprendizagem, onde professor e aluno têm a possibilidade de corrigir algum erro que possa estar ocorrendo, ou ainda reforçar algum ponto positivo.

Para melhor elucidar a avaliação formativa, se faz necessário mencionar o conceito de avaliação observado por Sant’anna (1995, p. 31):

Avaliação é um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático.

Como integrante do processo ensino/aprendizagem, a avaliação deve deixar de ser exclusiva do aluno, e passar a ser a avaliação de todos, ou seja, ser um método para valorar não apenas o aluno, mas abranger o ambiente escolar

como um todo, desde planejamento pedagógico, metodologias utilizadas a professores e seu relacionamento com os alunos, onde cada um tem sua parcela de contribuição para que esse procedimento seja bem sucedido, por meio do alcance dos objetivos previamente definidos.



Para refletir

Na hora de avaliar, nós, professores, estaríamos colocando em prática tudo o que defendemos durante as aulas ou usando os mesmos critérios pré-estabelecidos há anos?

UNIDADE III

1. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

O tema avaliação é muito amplo. Pode-se avaliar o Projeto de Escola, avaliar a Escola como instituição pública. Pode-se avaliar a proposta de Planejamento do Ensino, a organização do tempo e do espaço no cotidiano escolar, a participação dos pais e da comunidade na vida da escola. Um dos componentes indispensáveis ao Planejamento do Ensino é a avaliação contínua do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação contínua é a permanente observação dos processos de aprendizagem vividos pelos alunos, seja o grupo que compõe a classe, seja cada aluno em particular.

Cada professor, ao preparar seu Planejamento do Ensino, ao selecionar e se preparar para desenvolver determinada atividade com seus alunos, deve apontar que tipo de observação ele pode realizar para avaliar como anda a aprendizagem dos alunos com relação a determinado conteúdo. Nesse sentido, a clara definição das intenções educativas no Planejamento do Ensino é fundamental para que o professor saiba os conteúdos com relação aos quais irá acompanhar e avaliar as aprendizagens de seus alunos.

Por isso, mais do que planejar a avaliação é importante o professor ficar atento ao que está ocorrendo durante as atividades em relação à aprendizagem dos alunos. Ou seja, toda e qualquer atividade que se desenvolve em uma sala de aula, pode conter aspectos que sirvam para avaliação da aprendizagem dos alunos por parte de um professor.

A principal característica de uma avaliação contínua, que procure mediar os processos de ensino e aprendizagem, é que as providências com relação aos resultados da avaliação devem ser tomadas imediatamente. Se o professor percebe que alguns alunos em sua classe não estão aprendendo, então, ele toma providências no mesmo momento e começa a pensar em como ajudar aqueles alunos a superar suas dificuldades.

Não é preciso esperar o bimestre terminar, entregar um boletim com uma “nota baixa” para o aluno e selecioná-lo para algum tipo de “aula extra de recuperação”. A avaliação, além de contínua, precisa ser formativa. Ou seja, ele

deve avaliar o processo de evolução de cada aluno, a partir de suas dificuldades, limites e facilidades.

Sem dúvida trata-se de um grande desafio, visto que, em nossas escolas predomina a noção de avaliação classificatória. Uma avaliação feita com o propósito de selecionar quem vai “bem” e quem vai “mal”. Esse tipo de avaliação classificatória ainda encontra muitos defensores na educação básica, e tendo como argumento a seu favor o fato de que as universidades e escolas de ensino superior selecionam seus alunos por meio dela.

A avaliação contínua é considerada um método de avaliação onde o aluno é avaliado por inteiro, ou seja, a avaliação não deve acontecer somente ao final de um bimestre através das famosas provas bimestrais. É preciso que o processo de avaliação seja constante.

O professor deve estar sempre atento e promovendo atividades que possibilitam a avaliação do aluno e o seu desenvolvimento.

1.1 A AVALIAÇÃO CONTÍNUA NA LDB

A LDB – 9394/96, fruto de muitas lutas e discussões pela democratização do Brasil, mesmo que necessite ser reconstruída para promover avanços democráticos do ponto de vista legal (e por que não dizer no social?), traz modificações com relação à anterior (Lei 5.692/71), anunciando novas proposições com relação à formulação e gestão de políticas públicas de avaliação e alguns avanços na questão da avaliação da aprendizagem, com um enfoque maior na questão da qualidade da aprendizagem, com relação à LDB anterior.

Destacam-se alguns pontos da Lei 9394/96, que podem contribuir para a construção de uma avaliação emancipadora/formativa da escola e na escola (Art. 12, 13 e 14, especialmente)

- A exigência da elaboração e execução da proposta pedagógica da escola, assegurando a participação dos professores nesse processo de construção.

- Cumprimento do plano de trabalho docente, segundo a proposta pedagógica.

- Zelar pela aprendizagem dos alunos.

- Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento.

A avaliação qualitativa e contínua também é reconhecida na atual LDB. De acordo com o art. 24, inciso V da Lei a avaliação escolar visa:

V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

b) possibilidade de aceleração de estudos para os alunos com atraso escolar;

c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

d) aproveitamento de estudos concluídos em êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar a ser disciplinados pelas instituições de ensino, em seus regimentos.

Para refletir

É PRECISO CAMINHAR JUNTOS

*Mudar é um ato de coragem.
É aceitação plena e consciente do desafio.
É trabalho árduo, para hoje
É trabalho árduo, para agora.
E os frutos só virão amanhã, quem sabe, tão distante...*

*Mas quando temos a certeza de que estamos no rumo certo,
a caminhada é tranqüila.
E quando temos fé e firmeza de propósitos, é fácil suportar
as dificuldades do dia-a-dia.
A caminhada é longa. Muitos ficarão à margem.
Outros vão retornar da estrada. É assim mesmo.
Contudo, os que ficarem, chegará. Disso eu tenho certeza.*

*Olhe bem a seu lado.
Estão com você seus colegas de trabalho.
Eles também têm problemas e dificuldades como você.
E têm dúvidas sobre a mudança.
Você poderá mostrar-lhes como sente e pensa a respeito
das mudanças na organização e nas pessoas.*

*Não feche a janela em que você está debruçado.
Convide seu colega para estar o seu lado.
Para que vocês possam ter a mesma perspectiva.
Nós estamos com você a cada dia, tentando descobrir
novas faces da mudança.*

*Tenho certeza que, se assim procedermos, dentro de algum tempo
estaremos convencidos de que não é tão difícil mudar...*

(Adaptação do poema de Antonio Ferreira de Andrade)¹

¹ Disponível em: www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php? – Acesso em 20/07/2011

UNIDADE IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliação tem sido praticada, não raro, de forma improvisada, desarticulada, simplificada, por produzir e reforçar comportamentos indesejáveis, como a cola, pelo aluno, e como instrumento de controle da disciplina, pelo professor.

A prática da avaliação como atividade centrada em fazer provas, testes, trabalhos, exercícios, com o objetivo de atribuir notas ou conceitos aos alunos, é, no mínimo, simplista, pois reduz a avaliação a verificar o que está certo ou errado, e nada mais.

Os parâmetros de avaliação adotados no processo de ensino-aprendizagem devem estar em paralelo com a exigência de sair-se bem na vida e na sociedade: iniciativa, criatividade, capacidade de resolver problemas, uso inteligente de informações diversificadas, comunicação eficaz, habilidade em trabalhar em grupo, visão crítica e prospectiva, ótica interativa e analítica, etc. Às vezes, dá-se ênfase exagerada aos aspectos burocráticos, caracterizando-se a avaliação como formalidade para inglês ver. Os registros são necessários, porém é decorrência e não o ponto focal da avaliação: deve-se ter em mente o significado daquilo que se registra e não o símbolo em si.

A prática da avaliação no contexto escolar deve ter caráter pedagógico, de modo que sirva de feedback para o professor e alunos, a respeito da aprendizagem. O valor da avaliação encontra-se no fato de o aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades.

Num processo pedagógico efetivo, ensino e avaliação associam-se a uma prática consciente e crítica do professor que envolve o aluno na construção do saber. Nessa integração de ensino e avaliação promove um processo estimulante de aprendizagem. A avaliação é, pois, uma etapa de um processo de aprendizagem, que implica em reforço, orientação e retificação da aprendizagem.

O sentido da avaliação é o de facilitar a transformação necessária para que a educação corresponda a um processo de qualidade, em que se destaca o desenvolvimento de competências.

A avaliação, nesse contexto, deve ser formativa. E a passagem da avaliação normativa, classificatória, para a avaliação formativa implica, necessariamente, numa modificação das práticas do professor, que deve tomar o aluno não só como ponto de partida, mas também como de chegada.

Perrenoud (1993) afirma que mudar a avaliação significa provavelmente mudar a escola. Automaticamente, mudar a prática da avaliação leva a alterar práticas habituais, criando inseguranças e angústias e este é um obstáculo que não pode ser negado pois envolverá toda a comunidade escolar. Se as metas são educação e transformação, não resta outra alternativa senão pensar uma nova forma de avaliação. Romper paradigmas, mudar a concepção, mudar a prática, é construir uma nova escola.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. **Avaliação da Educação e da Aprendizagem**. Curitiba: Iesde, 2006.p.53-54.

CHUERIRI, S. F. “Concepções sobre avaliação escolar”, in **Estudos em Avaliação Educacional**, v.19 n. 39, jan./abril, 2008.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GANDIN, Danilo. **Algumas idéias sobre avaliação escolar**. Revista de Educação-AEC, ano 24, nº 97 – out/dez de 1995.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação - mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1994.

_____. **Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade**. 17.^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2000

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**, 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1993. 206 p.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa**. 4^a edição. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como Avaliar? critérios e instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 1995.